

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Desmembramentos do Movimento Estudantil:
um estudo sobre a diversidade associativa na FGV-SP

FABRICIO MEYER TREVISAN

ORIENTADOR: MARIO AQUINO ALVES

São Paulo – SP

2021

Desmembramentos do Movimento Estudantil:

um estudo sobre a diversidade associativa na FGV-SP

Resumo

Este trabalho se enquadra no campo de estudos sobre organizações e movimentos sociais e pretende compreender as transformações do Movimento Estudantil ao longo da história, dando ênfase à fragmentação identitária e às mudanças sociais ocorridas a partir da globalização. Também procura identificar quais são e o que fazem as organizações estudantis fundadas a partir deste cenário, assim como as suas razões de existência. O principal método empregado para atingir este objetivo foi a realização de um estudo de caso na FGV-SP, instituição importante na realidade do ensino superior brasileiro e indicativa de tendências para o cenário nacional. O achado mais relevante a partir da exploração de dados secundários e da realização de entrevistas sobre o caso foi a individualização das pautas estudantis e mercantilização das relações sociais, fenômenos de grande impacto na realidade de centros e diretórios acadêmicos, mas também de todo o movimento social. De maneira ampla, este trabalho contribui para uma compreensão das relações entre estudantes na contemporaneidade, algo pouco explorado sob a ótica das mudanças de interesses e identidades; tomando conhecimento da grande concentração de estudos sobre o Movimento Estudantil em períodos históricos importantes e com atuações específicas, este trabalho não procura entender o seu brilhante passado, mas os seus desafios presentes e futuros.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Movimento Estudantil; Estudos Organizacionais; Diretório Acadêmico; Estudo de Caso.

1. INTRODUÇÃO

O Movimento Estudantil exerceu papel fundamental em diferentes momentos da história brasileira. Se tornou símbolo de resistência a regimes autoritários, compôs forças reivindicatórias importantes nos anos 60, participou ativamente do movimento pelo Impeachment do presidente Fernando Collor de Mello e integrou diversos outros eventos que não teriam sido os mesmos se não fossem pela sua capacidade de articulação e mobilização. Não à toa, muitos desses momentos históricos foram estudados e retratados sob a ótica dos estudantes, além de terem ficado marcados no imaginário popular como representativos de uma personalidade jovem; o Movimento Estudantil sempre foi conhecido por sua essência política e transformadora. Sua importância reside no reconhecimento social deste papel, que definitivamente alterou por muitas vezes o curso da história nacional.

Como todo e qualquer movimento social, a associação entre estudantes está conectada a fenômenos contextuais e transformações as quais as pessoas estão sujeitas conforme passam as gerações. Evidentemente, assim como hábitos antigos são sucedidos por novos, as intenções dos estudantes, seus desejos, interesses e demandas se reciclam e transformam com o passar do tempo. Essas mudanças se refletem de maneira inevitável na forma com que a coletividade se forma e apresenta, resultando em novos movimentos, organizações e mobilizações. Este é o curso natural da história que, apesar de parecer óbvio ou pouco importante, sustenta boa parte do que se pretende neste trabalho; partindo da busca, na literatura prévia, de uma essência existencial para o Movimento Estudantil, procura-se entender de que forma ela se faz presente na atualidade, mas mais do que isso, como os estudantes passaram a se organizar em tipos diferentes de entidade com o passar dos anos. De maneira sucinta, a pergunta de pesquisa do presente trabalho se resume a “em quais organizações os estudantes empenham tempo e esforço na atualidade e o que isso diz sobre o Movimento Estudantil?”.

Para responder a essa pergunta, alguns conceitos precisam ser compreendidos. O olhar para o Movimento Estudantil pela teoria disponível se encontra muito concentrado em atuações específicas, ou em momentos históricos especiais. Como apontado em (MESQUITA, 2003), a literatura atribui maior foco às organizações da vanguarda do movimento, que não deixam de ser importantes, mas que não vêm ajudando a compreender a realidade estudantil no presente; apesar de ser identificada uma grande transformação nos interesses dos estudantes, assim como uma pluralização de associações e demandas a partir dos anos 80, pouco se sabe ou se procurou entender sobre essas mudanças até o momento atual. O distanciamento do corpo estudantil de centros e diretórios acadêmicos, por exemplo, vem sendo sentido em algumas realidades e

exposto em determinados momentos, mas ainda é ínfimo o debate sobre as razões e implicações dessas mudanças. É nessa realidade que o presente trabalho se enquadra e nesse aspecto que pretende contribuir.

A partir da pergunta de pesquisa e da contribuição esperada deste trabalho, ele se encontra organizado em seções e subseções. A seção de Teoria procura estabelecer conceitos básicos e caracterizar o Movimento Estudantil como um Movimento Social. Dividida em duas grandes subseções, esta etapa também traça um panorama de transformações sociais relevantes do início do Século XXI, constituindo um plano de fundo para o estudo das organizações estudantis existentes na atualidade. Na sequência, a seção de Métodos pretende justificar o estudo de caso na FGV-SP, caracterizando-o como necessário para entender a presente realidade associativa. Por último, a seção de Resultados expõe os achados da análise de dados secundários sobre o caso estudado, assim como da consulta a membros e ex-membros recentes do Diretório Acadêmico Getúlio Vargas. Essa seção é seguida de Considerações Finais, que retomam as premissas teóricas do trabalho e realizam ponderações importantes sobre seus achados e limitações.

2. TEORIA

2.1. MOVIMENTOS SOCIAIS

2.1.1. Paradigmas analíticos

Estudar métodos de associação estudantil é uma atividade que passa necessariamente por uma boa contextualização e conceituação dos métodos de pesquisa em movimentos sociais. Compreendê-los se constitui como uma atividade importante para realizar uma leitura das dinâmicas do mundo moderno, que é interesse não somente da academia, mas também de organizações governamentais e não governamentais que pretendem aprimorar seus planos e projetos para intervir na realidade social (GOHN, 1997). Neste sentido, diversos são os paradigmas e as teorias desenvolvidas ao longo dos anos sustentados no objetivo central de expandir o conhecimento sobre a sociedade para além de instituições formais e clássicas, como o Estado. O tópico de estudo destes paradigmas e teorias se concentra, essencialmente, em lutas e causas ligadas a determinados coletivos.

Vale compreender que não existe uma definição única e universal para movimento social, algo atestado pela diversidade de correntes analíticas existentes: em artigo sobre as categorias de análise neste campo de estudo, Gohn identifica ao menos cinco paradigmas

distintos, que adotam diferentes premissas sobre a definição destes objetos (GOHN, 1997). Em outras palavras, para estudar lutas e causas de determinados coletivos, se faz necessário adotar um conjunto de premissas existentes, ou ao menos selecionar e abordar aspectos convergentes dentre as teorias em questão. Importantes aspectos convergentes são os conceitos de interesse e identidade, que de acordo com diferentes paradigmas, sustentam uma ação coletiva e uma solidariedade frente a determinado cenário de conflito, caracterizando o que se conhece por movimento social. Sousa identificou o uso destes conceitos nos trabalhos de Gohn e Melucci, que buscavam compreender as formas específicas de associação e luta coletiva em diferentes sociedades (SOUSA, 2018). Sendo assim, apesar de não existir definição universal para o objeto de estudo em questão, existe um destaque importante para as noções de interesse e identidade, que devem ser tratadas com cuidado no estudo sobre a associação estudantil.

Aliado a isso, o trabalho adota a abordagem dos Novos Movimentos Sociais, um paradigma analítico de origem europeia e com grande difusão na América Latina. Essa corrente teórica se baseia no processo político das mobilizações e nas bases culturais de determinado movimento, tendo como principais autores Touraine, Melucci e Offe (GOHN, 1997). Assim como realizado por Mische, ao aprofundar discussões sobre a identidade estudantil no Brasil (MISCHE, 1997), este trabalho adotará tal paradigma analítico sob uma perspectiva relacional, entendendo a relevância das redes de relação dos jovens na formação e transformação de diferentes organizações do movimento social estudado. Desta forma, será possível entender a formação de entidades estudantis em uma perspectiva não determinista, mas sustentada na fluidez que cada um dos ambientes universitários representa. A abordagem através dos Novos Movimentos Sociais sob uma perspectiva relacional parece adequada a esta proposta e alinhada com a prática acadêmica sobre o assunto, como exposto em (SPOSITO, 2000), (MESQUITA, 2003) e (OLIVEIRA, 2010).

2.1.2. Organizações: encontros e relações teóricas

Os estudos organizacionais, na medida em que se referem às características dos ambientes e espaços de interação entre pessoas, se relacionam diretamente com as abordagens teóricas em movimentos sociais. Em outras palavras, vale compreender que existem diversos tipos de vínculo entre estes movimentos e as diferentes organizações, vínculos estes que podem se manifestar das seguintes formas: (1) organizações como alvo de movimentos; (2) organizações como colaboradoras dos movimentos; (3) organizações como sede dos

movimentos; (4) organizações como manifestação dos movimentos; (5) mercado entre organizações como resultado dos movimentos (DAVIS, MORRIL, et al., 2008). Isso significa que, de forma simples, os dois campos de estudo estão cada vez mais próximos e complementares, sendo difícil distingui-los na modernidade.

Tendo em vista este cenário, fica evidente que diversas organizações de estudantes estão postadas ao redor do movimento social, estabelecendo cada um desses vínculos de formas distintas. Por este motivo, faz sentido aproximar a teoria organizacional do presente trabalho, uma vez que não se pretende estudar o Movimento Estudantil como objeto único, mas como resultado de um grupo de jovens que também gera outras formas de associação.

2.2. MOVIMENTO ESTUDANTIL

2.2.1. Constituição como movimento social

Explorar as bases identitárias que caracterizam e formam o coletivo de estudantes, assim como identificar os interesses deste grupo que dão origem ao próprio movimento, são o primeiro passo para iniciar um olhar mais profundo para as transformações nos métodos de associação estudantil. Em outras palavras, não seria possível realizar uma boa análise da história do movimento social de estudantes sem, inicialmente, enquadrá-lo no arcabouço teórico existente neste campo e destrinchá-lo entre as identidades e os interesses dos seus integrantes.

Em primeiro lugar, se faz importante atentar para as dificuldades de compreender a própria noção de identidade. Melucci aponta para a complexidade do conceito, visto que “A palavra ‘identidade’ é inseparável da ideia de permanência...” (MELUCCI, apud MISCHÉ, 1997, p. 118). Deste apontamento, surge um importante questionamento acerca da capacidade de atribuir uma definição categórica para a identidade estudantil. Sob uma abordagem relacional, a identidade se forma e transforma na medida em que se estabelecem novas interações entre os jovens, em diferentes momentos históricos. Evidentemente, esta identidade é maleável e se adequa às demandas do momento, sendo, portanto, impermanente e carregando contradição de acordo com a visão do autor. Afinal, se identidade e permanência são inseparáveis, não é aceitável admitir que a primeira se altere a partir de mudanças contextuais ou históricas.

Contudo, apesar de essa ser uma relevante contradição, existe compatibilidade entre a abordagem relacional e o conceito de identidade estudantil. Isso porque existe um aspecto

comum e permanente, que sustenta a existência histórica do movimento estudado, que é a própria noção de juventude: apesar de também serem maleáveis com o tempo, os sentimentos relacionados a esta fase específica da vida parecem constituir a essência da identidade estudantil. Evidentemente, tal identidade não deixa de ser maleável a partir desta constatação, uma vez que a própria condição de jovem tem diferentes significados em diferentes momentos históricos. Assim, compreender um jovem ou adolescente como sujeito, que “reage ativamente ao que lhe é proposto, buscando formular respostas próprias que façam sentido para ele e permitam sua inserção social.” (MATHEUS, 2003, p. 86), é compreender a identidade estudantil em perspectiva histórica. Com efeito, a identidade em questão se baseia permanentemente na condição de jovem, condição esta que carrega diferentes reações àquilo que está posto no contexto e nas relações estabelecidas com o passar do tempo.

Em segundo lugar, vale pensar sobre os interesses que reúnem os estudantes e provocam sua associação, constituindo o que se conhece por Movimento Estudantil. É evidente que os interesses característicos do movimento também são muito amplos e difusos, assim como variáveis ao longo do tempo. Podem estar mais relacionados ao cenário político externo, a demandas propriamente educacionais ou mesmo a políticas sociais, dependendo do contexto. De maneira geral, contudo, parece possível definir um interesse comum que tangencia e motiva todas as ações do movimento estudado e em diferentes momentos históricos, que é a busca por participação decisória junto às instituições formais. Tilly bem compreendia uma importante característica dos movimentos sociais como “a contraparte não-institucionalizada dos partidos políticos, sindicatos, associações etc., tendo surgido no século XIX como uma ampliação do próprio campo da política.” (GOHN, 1997, p. 246). Neste sentido, um importante interesse comum dos membros deste movimento é o ganho de influência em instituições e organizações com poder decisório.

Aliado a isso, existe uma grande fusão entre a identidade do jovem estudante e os seus interesses momentâneos. Há identificação entre indivíduos com ideias e objetivos semelhantes, algo que forma o reconhecimento mútuo e constitui o próprio grupo. Desta forma, o movimento social acaba por oferecer a oportunidade de “fusão de projetos pessoais e coletivos que atravessam círculos e redes sociais” (MISCHE, 1997, p. 140), algo que explica a fluidez do movimento: identidade e interesses caminham juntos e se adequam à condição de sujeito de cada um dos integrantes. Os interesses se potencializam com as redes sociais, que em espaço extra institucional, se tornam uma construção coletiva maior do que a soma de desejos pessoais dos seus integrantes.

Em suma, identificar elementos básicos do Movimento Estudantil como um movimento social se mostra importante para permitir um olhar mais detalhado para a sua transformação histórica. A partir destas novas compreensões, caberá explorar os principais desdobramentos da atuação dos estudantes, assim como entender a mudança no caráter das entidades por eles formadas.

2.2.2. Evolução do campo de estudos

Desde o início do século XX, quando os primeiros indícios de organização estudantil foram se apresentando no Brasil, a maior parte das atenções para este movimento foram voltadas para manifestações e conquistas de seus integrantes. De certa forma, este destaque é natural para um movimento que se faz presente e acompanha toda a história recente do Brasil, através de centros e diretórios acadêmicos, grêmios estudantis, associações atléticas e diversas outras organizações.

Contudo, apesar de existir extensa literatura acerca da identidade estudantil e seus desdobramentos, desenvolvidos em especial nas décadas de 70 e 80 e por autores como Foracchi (1972, 1977), Albuquerque (1977a, 1977b), Sanfelice (1986) entre outros, suas produções são evidentemente focadas na vanguarda do movimento, como identificado em (MESQUITA, 2003). De acordo com o autor, nos períodos em que tais produções foram realizadas, o Movimento Estudantil era muito mais centralizado, com maior alinhamento de interesses entre os jovens e menor fragmentação de sua lógica identitária: “[...] o movimento estudantil era o único canal de expressão política dos jovens -, atualmente, os estudantes contam com múltiplos e diferenciados canais.” (MESQUITA, 2003, p. 118). Neste sentido, cabe apontar que novas organizações foram surgindo a partir das transformações nos interesses dos estudantes, o que gerou uma pluralidade imensa de organizações estudantis, com diferentes finalidades e características. Esta transformação passou a ser notada já na década de 90, com a formação de um cenário organizacional muito mais complexo; Melucci, em 1997, apontava para este fenômeno: “hoje os movimentos juvenis ‘[...] tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, [...] são testados e colocados em prática’” (MESQUITA, 2003, p. 118). Neste sentido, direcionar os estudos para a vanguarda do Movimento Estudantil, como centros e diretórios acadêmicos, ou olhar especificamente para grandes momentos históricos em que a consciência política dos jovens estava em seu auge,

pode ser insuficiente para compreender a estrutura organizacional que se apresenta atualmente no ambiente do estudante universitário.

O grande desafio do presente trabalho reside em compreender, portanto, como essa complexificação nas formas de organização estudantil se relaciona com a história e a atuação do mesmo como movimento social. De fato, a partir do que está posto, de que forma os estudantes podem ser vistos para além de manifestantes? Que organizações são essas, as quais Melucci se referia, que estão sendo formadas no cotidiano das universidades? O que elas são capazes de dizer sobre as transformações e derivações do Movimento Estudantil, presentes no mundo moderno?

2.2.3. Breve histórico e principais organizações

O primeiro curso de ensino superior do Brasil foi criado em 1808, mas os registros de formação do Movimento Estudantil brasileiro apontam apenas para o século seguinte, com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros. Carregando características típicas da elite econômica do país, os grupos de estudantes passaram a se estruturar ao longo dos primeiros anos do século XX, com o crescimento das cidades e dos hábitos urbanos, além da própria expansão na quantidade de equipamentos educacionais com o passar do tempo. Prova dessa expansão é a ocorrência, em 1910, do primeiro grande evento estudantil de que se tem registro, o 1º Congresso Nacional de Estudantes, em São Paulo. Neste momento, a organização de um movimento de estudantes era muito incipiente, mas já apresentava certa estrutura descentralizada e conhecida até os tempos atuais. Existiam as entidades de caráter local, essencialmente associativas e com demandas específicas de uma instituição ou curso, assim como entidades de caráter regional ou nacional, responsáveis pela organização dos congressos e outros assuntos mais amplos. A seguinte linha do tempo resume acontecimentos relevantes para o estudo, na primeira década do século. É interessante notar que a entidade de caráter nacional, no caso brasileiro, surge antes das entidades de base:

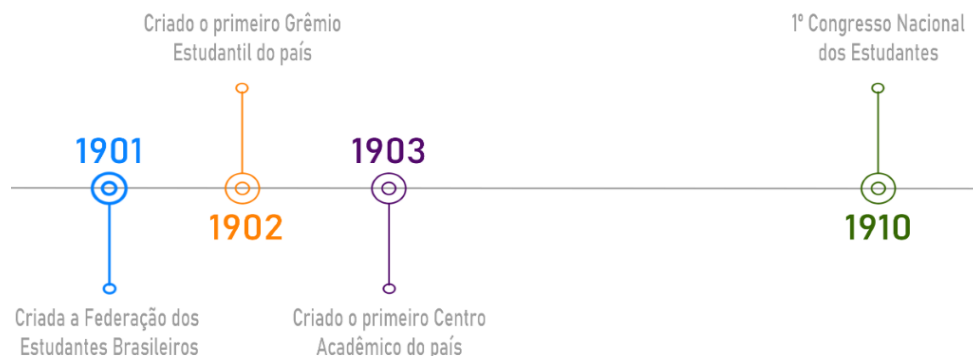


Figura 1: Linha do Tempo de Acontecimentos Importantes no Início do Século XX

Fonte: Elaboração própria

Justamente por apresentar organização muito incipiente, pouco se tem registro da participação do Movimento Estudantil em eventos relevantes da década seguinte. A greve de 1917, por exemplo, protagonizada pelo movimento operário, não registrou participação efetiva dos estudantes em seus grandes atos no Brasil. Na Argentina, por outro lado, onde sucessivas greves também ocorreram no referido ano, a Federação Universitária de Córdoba, mais consolidada e organizada do que a nacional brasileira, apoiava o movimento operário e articulava uma relação concreta entre trabalhadores e estudantes já naquela época (TRINDADE, 2011). Neste sentido, o Movimento Estudantil brasileiro ainda não apresentava uma atuação sólida nos primeiros anos do século XX, apesar de ter começado a se estruturar e a demonstrar indícios da formação de uma identidade e de interesses coletivos em sua primeira década.

Em comparação a casos como o argentino, o coletivo de estudantes brasileiros passou a se consolidar tardiamente como um movimento social. A identidade e os interesses do grupo foram se tornando mais claros somente após a revolução de 1930, que foi seguida de anos decisivos para a história dos estudantes. Em termos organizacionais, o grande acontecimento foi a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), o órgão máximo de representação dos universitários do país até os tempos atuais. Sua criação foi decidida em um Congresso Nacional, em 1938, que contou com a participação de delegados de 80 centros acadêmicos distribuídos pelo país, assim como do ministro da educação do Estado Novo, Gustavo Capanema (FGV CPDOC). Tendo sido originada em uma decisão espontânea do corpo estudantil, a UNE foi institucionalizada em 1942 pelo Decreto-Lei nº 4.080, seguindo a tendência corporativista da Era Vargas, que como bem aponta Ângela de Castro Gomes, agia

como “instituidor da nação” (GOMES, 2005). De qualquer forma, os anos imediatamente posteriores à Revolução de 1930 e todo o período que se estendeu nos anos seguintes marcaram o início de uma nova era para o Movimento Estudantil, que passou a possuir um importante braço institucional e a demonstrar, com maior clareza, as pautas e lutas encampadas por seu corpo coletivo.

Com a criação e institucionalização da UNE, assim como o aumento na organização dos secundaristas após 1945, a atuação dos estudantes passou a ganhar cada vez mais força no cenário nacional. Junto a ela, grande atenção midiática, popular e acadêmica foi dada para a atuação e o posicionamento deste grupo em grandes pautas históricas: ainda na Era Vargas, a campanha “O Petróleo é Nosso” e a defesa da nacionalização desta riqueza; Na década de 60, o fortalecimento global dos movimentos ligados à juventude e a expansão de ideais pacifistas; Ao longo do período militar, a resistência ao autoritarismo e a defesa dos direitos políticos dos cidadãos, inclusive a campanha “Diretas Já!”; Após o fim da ditadura, a participação na campanha “Fora Collor!” e a crítica aos escândalos de corrupção em 1992; Ainda na década de 90, extensas manifestações contrárias às pautas econômicas do governo Fernando Henrique Cardoso e à privatização de estatais; Mais recentemente, contra pautas do governo de Jair Bolsonaro, em especial ao programa Future-se no ano de 2019. Em suma, são diversos os momentos em que o Movimento Estudantil, após sua consolidação ao fim da Era Vargas, assume os holofotes e se posiciona de maneira intensa acerca de determinado tema relevante para o país. Frequentemente, as bandeiras da UNE e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) figuram em diferentes cidades brasileiras, demonstrando sua força e relevância em atos e reivindicações populares.

Cabe destacar que, naturalmente, o Movimento Estudantil é lembrado por suas entidades mais tradicionais, que estão ligadas a pautas políticas específicas e coerentes com sua história. O movimento também é observado por sua atuação em importantes momentos históricos, em que a unidade parece ser um elemento central de sua mobilização. Contudo, não se pode esquecer que o Movimento Estudantil se encontra, de fato, nas escolas e universidades, assim como nas relações estabelecidas pelos estudantes em seus cotidianos. Neste sentido, como aponta Foracchi, “não se pode compreender sociologicamente o movimento estudantil apenas em função das posições defendidas pela sua vanguarda” (FORACCHI, apud MESQUITA, 2003, p.120).

Além disso, em 1999, diversos apontamentos de enfraquecimento das entidades tradicionais apareceram no discurso de estudantes, como exposto em (MESQUITA, 2003). Aparelhamento partidário, radicalismo político e distanciamento do corpo de estudantes foram queixas frequentes, que no 46º CONUNE, passaram a indicar o surgimento de novos desafios para o engajamento estudantil.

2.2.4. Transformações identitárias na virada do século

O século XX ficou marcado por uma série de acontecimentos distintos: desde os períodos de guerra, até as diferentes revoltas populares e descobertas científicas, diversos foram os momentos de destaque que deixaram um grande legado para as novas gerações. Aos interesses do presente estudo, cabe focar em um fenômeno específico, que teve início com a Queda do Muro de Berlim em 1989: a globalização. Autores como Habermas, Giddens e Hall abordaram a questão da identidade e definiram o século XX como uma transição, podendo dar suporte para uma reflexão acerca da pluralidade e das transformações que a virada do século proporcionou (DEFFACCI e OLIVEIRA, 2015). Em outras palavras, as ideias destes autores devem ajudar na compreensão de como o estudante, a partir da globalização, altera suas formas de se relacionar e associar, permitindo uma reflexão sobre os impactos dessas mudanças na vanguarda do movimento estudantil.

Se por um lado a globalização promove a quebra de barreiras entre diferentes nações, promovendo ideias e conceitos de escala global, por outro traz impactos específicos na noção ampla de identidade. Giddens se refere a este tema e permite a compreensão de que “a identidade emerge no campo sociológico como um problema atual mediado pela fragmentação da ordem social contemporânea que rompeu com a unidade presente na ordem social tradicional” (DEFFACCI e OLIVEIRA, 2015, p. 82). Na mesma lógica, Hall compreende uma necessidade de afirmação dos movimentos sociais frente aos diversos caminhos que passaram a se apresentar para os indivíduos:

Ela [globalização] tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (DEFFACCI e OLIVEIRA, 2015, p. 84).

Em suma, cabe entender que os movimentos sociais, em conjunto com toda a sociedade, passaram por grandes transformações a partir deste cenário. A pluralização identitária forma novos desafios, passando a exigir flexibilidade e adaptabilidade das instituições tradicionais.

A construção de políticas públicas, assim como toda a lógica que perpassa as lutas sociais, ganha um novo corpo e se diversifica de forma evidente.

Com relação ao Movimento Estudantil, a compreensão deste contexto de fragmentação e pluralização identitária deve evidenciar as principais características das novas organizações de estudantes, que serão identificadas e exploradas a seguir.

2.2.5. Institucionalização e mudanças organizacionais

Para além das transformações identitárias, a virada do século também caracterizou uma nova onda de mudanças nas organizações da sociedade civil. A reflexão acerca deste cenário foi desenvolvida por diferentes autores e se concentrou nas teorias de institucionalização: o crescimento de entidades do terceiro setor veio em resposta à globalização da economia, com ONGs ganhando espaço e estímulo, desenvolvendo projetos focalizados e voltados para resultados. Além disso, diversas correntes teóricas apontam que os sintomas da globalização, como o individualismo e o empreendedorismo, passaram a enfraquecer organizações espontâneas de caráter coletivo, atribuindo maior peso para essas entidades formais. Gohn se atentou a este cenário e, em artigo sobre a pluralidade representativa na América Latina, destacou:

[...] a ação coletiva presente na maioria dos movimentos sociais latino-americanos, de pressão e reivindicação nos anos de 1980, diversifica-se a partir dos anos 1990 e durante a primeira década de 2000 passando a incluir também ações civis voltadas para a obtenção de resultados, em projetos de parceria envolvendo diferentes setores, públicos e privados. (GOHN, 2014, p. 75)

É de suma importância, portanto, identificar de que forma o Movimento Estudantil foi impactado por este contexto. Se faz importante entender que este fenômeno de institucionalização do final do século XX não está ligado à UNE e nem aos centros e diretórios acadêmicos: apesar de serem parte institucionalizada do movimento social, tais organizações estão mais relacionadas à identidade tradicional, de atuação e formação política do jovem. As novas organizações, além de refletirem a orientação para resultados e projetos, estão totalmente relacionadas com a transformação e pluralização identitária, consolidando ações civis dos jovens que muitas vezes nem constituem um movimento social. Em outras palavras, os universitários, que ao longo da história do Brasil se encontraram organizados de maneira mais unificada em centros e diretórios acadêmicos e na União Nacional dos Estudantes, passaram a criar e a se envolver em outras atividades sociais, dedicando tempo e esforço a atuações com

novos propósitos. A partir de agora, o presente estudo se dedicará a compreender essas atividades e suas implicações.

3. MÉTODOS

Compreender as mudanças do Movimento Estudantil e as implicações da diversidade associativa no ambiente universitário não parece ser uma tarefa simples. No geral, não seria possível encontrar respostas prontas na literatura disponível sobre as novas formas organizacionais universitárias, cujo entendimento e estudo ainda são muito incipientes. Neste sentido, a realização de um estudo de caso parece ser adequada à proposta, na medida em que pode fornecer informações diretas e reais sobre a realidade estudantil na modernidade; apesar de este tipo de abordagem apresentar significativas limitações, em especial no que tange o alcance de conclusões universais ou generalistas, parece possibilitar a compreensão de onde e por que os estudantes estão empenhando esforço em organizações que não necessariamente fazem parte de um movimento social.

O caso selecionado para estudo é o da FGV-SP. No geral, essa escolha se justifica no fato de que a estrutura de organizações estudantis na referida instituição é bastante diversa e relevante. Tendo sido a primeira faculdade do Brasil a presenciar a formação de uma Empresa Junior, além de outras organizações como a AIESEC, a FGV São Paulo conta com ao menos 34 organizações estudantis que se apresentam como alternativas para associação do alunato; este número inclui entidades formais, como as empresas juniores, ligas universitárias, um cursinho popular e uma incubadora tecnológica, além de outros grupos como a companhia de teatro e a torcida organizada da instituição. Não estão inclusos nesta contagem os grupos de estudo ou coletivos. Além disso, historicamente, a instituição se sustenta como um polo de influência e inovação para todo o Brasil, o que torna o seu estudo representativo de tendências para boa parte do ensino superior brasileiro; a despeito dos problemas já anteriormente citados, que se relacionam à dificuldade de tirar conclusões generalistas a partir de um único estudo de caso, a instituição selecionada parece bastante adequada à proposta do presente estudo.

A FGV-SP conta com a Liga de Entidades (LIDEN), órgão encarregado de representar as 21 entidades estudantis formais da instituição. Em 2019, a LIDEN realizou uma pesquisa dentro do corpo discente para mapear o impacto da associação dos estudantes em suas respectivas vidas acadêmicas; com 458 respostas, o Censo de Entidades se mostrou uma excelente fonte de informações sobre as novas tipologias organizacionais, assim como as

pessoas que as formam. Com perguntas interessantes e majoritariamente voltadas para a relação dos alunos com a sua experiência extracurricular, o questionário foi aplicado de maneira virtual com o uso da ferramenta Formulários Google. A base de dados gerada contém 67 variáveis e cada amostra se refere a um estudante ativo da FGV.

No geral, a exploração dos resultados do Censo de Entidades de 2019 deve nortear uma abordagem quantitativa e descritiva de padrões entre os alunos que participam de cada organização. Com a aplicação de filtros sobre a base de dados, a identificação dos objetivos dos alunos ao se associar a cada entidade, assim como o número de horas de dedicação a cada uma delas, devem se tornar visíveis e facilitar o entendimento da conjuntura associativa da FGV na modernidade.

Aliada à abordagem quantitativa, o depoimento de três membros e ex-membros recentes do Diretório Acadêmico Getúlio Vargas (DAGV) deve auxiliar no encontro de diagnósticos sobre o próprio Movimento Estudantil; nesta etapa da pesquisa, procura-se compreender o que resta às organizações mais tradicionais e componentes da vanguarda do movimento social, em especial com a grande fragmentação identitária ocorrida ao longo do século, abordada nas seções anteriores deste trabalho. Sendo assim, com a união dos métodos quantitativos e qualitativos, deve ser possível compreender quais são as novas organizações estudantis e quais as implicações de sua existência para o movimento social mais tradicional.

4. RESULTADOS

4.1. PANORAMA DE ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS DA FGV-SP

A realidade organizacional dos estudantes da FGV-SP possibilita a verificação dos fenômenos teóricos apontados na seção teórica deste trabalho, em especial no item 2.2.5. A fragmentação identitária e a institucionalização dos movimentos sociais ocorridas na virada do século se traduziram em um grande salto no número de organizações, que se multiplicou em 21 vezes de 1970 até 2020. Com enfoques e razões de existência bastante distintos, essas organizações exemplificam o fenômeno de dispersão estudantil anteriormente discutido, em que centros e diretórios acadêmicos, como representativos da vanguarda do movimento social, perdem centralidade e unicidade.

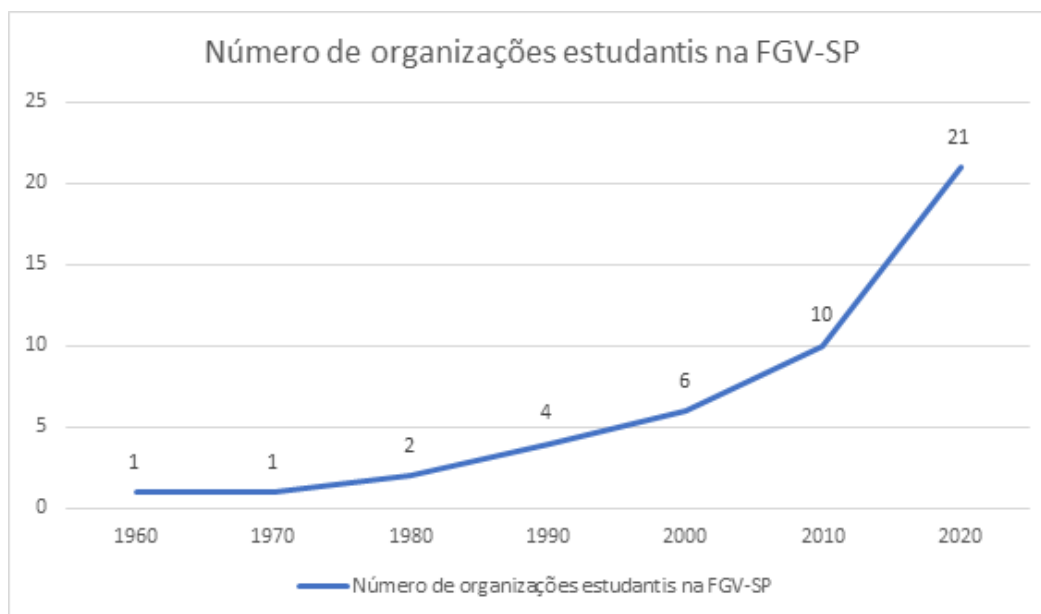


Gráfico 1: Número de organizações estudantis formais na FGV-SP

Fonte: Elaboração Própria

Evidentemente, a simples existência de mais organizações não significa que o DAGV perdeu importância; uma reflexão mais cuidadosa a respeito disso será feita nas próximas subseções. Mas é fato que, de maneira flagrante, algo ocorreu nas proximidades da virada do século para desencadear um salto tão expressivo no número de entidades estudantis formais. Mais uma vez, o caso da FGV sustenta os achados da seção teórica.

4.2. DESMEMBRAMENTOS: QUEM SÃO E O QUE FAZEM AS NOVAS ENTIDADES ESTUDANTIS?

Na atualidade, parece possível separar as organizações estudantis em grupos, o que garante maior amplitude e precisão na compreensão de seus papéis e dos interesses que representam. No geral, boa parte dessas entidades estão divididas entre Empresas Juniores e Ligas Universitárias, mas também há organizações mais únicas, como Cursinhos e Incubadoras. Para compreendê-las como desdobramentos do Movimento Estudantil, deve ser importante abordar as suas origens, influências, assim como razões de existência.

Neste sentido, os próximos itens se concentrarão neste levantamento, assim como na exploração dos achados do Censo de Entidades da Liden propriamente dito. Em termos de estrutura, para cada grupo de entidade, será realizado um apanhado histórico geral, seguido da exploração das informações específicas do caso da FGV-SP. Assim, será possível encontrar os

principais motivos para a entrada dos estudantes em cada grupo de entidade, assim como as horas médias de dedicação em cada categoria, entre outras questões.

O mais emblemático fenômeno que reúne fragmentação identitária e institucionalização de novas ações civis é o surgimento das Empresas Juniores. Com forte caráter de aprimoramento profissional e pessoal, o sucesso dessas organizações, que surgiram no Brasil em 1987 através da figura de João Carlos Chaves, representa o impacto da globalização neste movimento. Empreendedorismo e inovação passaram a fazer parte do ambiente universitário, dando origem também a outras organizações, como veremos a seguir.

4.2.1. Empresas Juniores

O grupo de Empresas Juniores, dentre os selecionados para análise, é sem dúvidas o mais consolidado. Por esta razão, apresenta maior disponibilidade de dados amplos e sobre o movimento como um todo. A exploração de fontes documentais produzidas pelo Movimento Empresa Júnior (MEJ) apontou, por exemplo, para o fato de que desde o início do século XXI, essas entidades vêm apresentando significativo crescimento em nível nacional. O seguinte gráfico foi extraído do Relatório Censo & Identidade do ano de 2014; este documento é elaborado anualmente pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores:

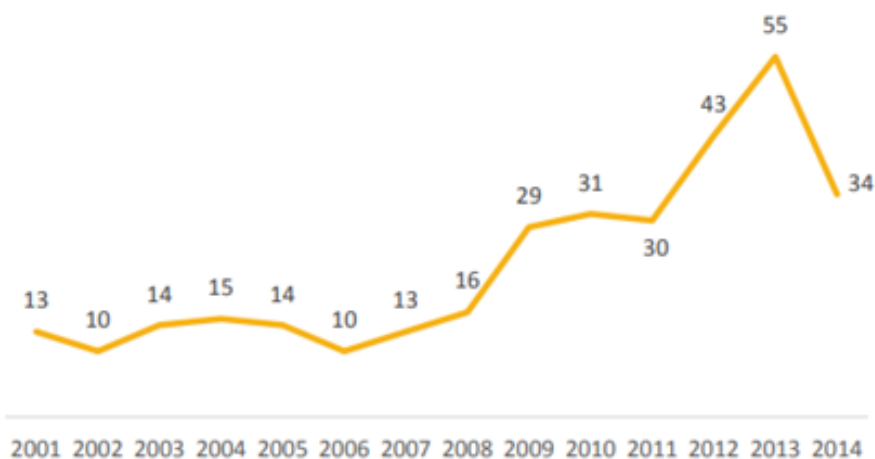


Gráfico 2: Número de EJs criadas por ano

Fonte: (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS JUNIORES, 2014, p. 12)

O número total de empresários júniores também permanece crescendo, como apontam os dados disponíveis para a última década:

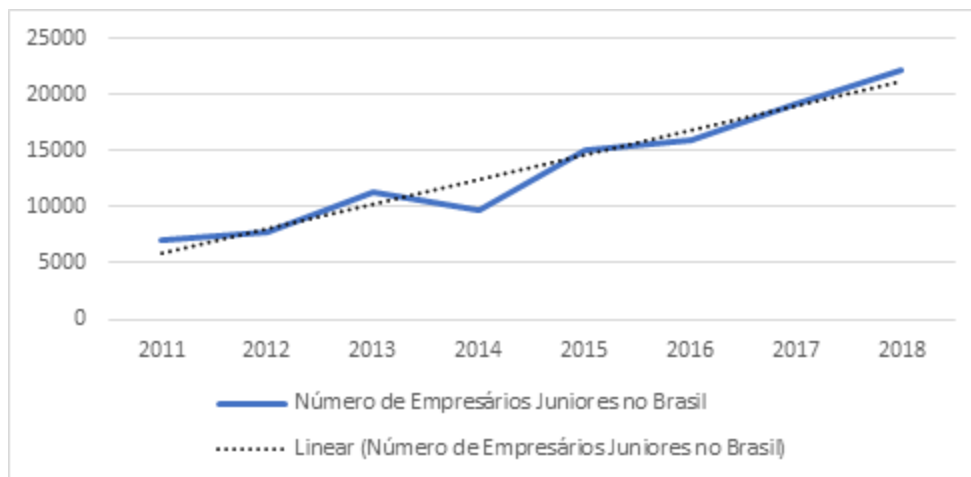


Gráfico 3: Número Total de Empresários Juniores no Brasil
Fonte: Elaboração própria

Os dados do relatório de 2014 indicam que somente 8,4% dos estudantes que faziam parte do MEJ se envolveram, de forma concomitante, com o Movimento Estudantil. Além disso, as seguintes informações apontam para a mudança de interesses dentro do grupo de estudantes e para a individualização das perspectivas ao se associar:



Gráfico 4: O principal motivo para o estudante permanecer fazendo parte do MEJ
Fonte: (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS JUNIORES, 2014, p. 56)

O caso da FGV-SP é bastante emblemático para este grupo organizacional. Apesar de existir certa divergência histórica sobre qual foi a primeira EJ a ser criada no Brasil, a Empresa Júnior da Fundação Getúlio Vargas (EJFGV) está na lista das primeiras. Fundada em 1988, a empresa se considera a pioneira do MEJ na América Latina e deu início a um ciclo de inovação em ambiente universitário. Não à toa, nos anos subsequentes, a própria FGV assistiu à fundação de outras organizações similares às EJs entre seus alunos de graduação. Atualmente, Consultoria Júnior Pública, Consultoria Júnior de Economia, Consultoria RH Júnior e Centro

de Estudos Jurídicos compõe o grupo de entidades voltadas para a experiência empresarial dentro da graduação. Assim como para os dados nacionais do MEJ, os principais motivos para associação a essas entidades no censo da Liden são o desenvolvimento pessoal e profissional, conforme exposto no gráfico a seguir:

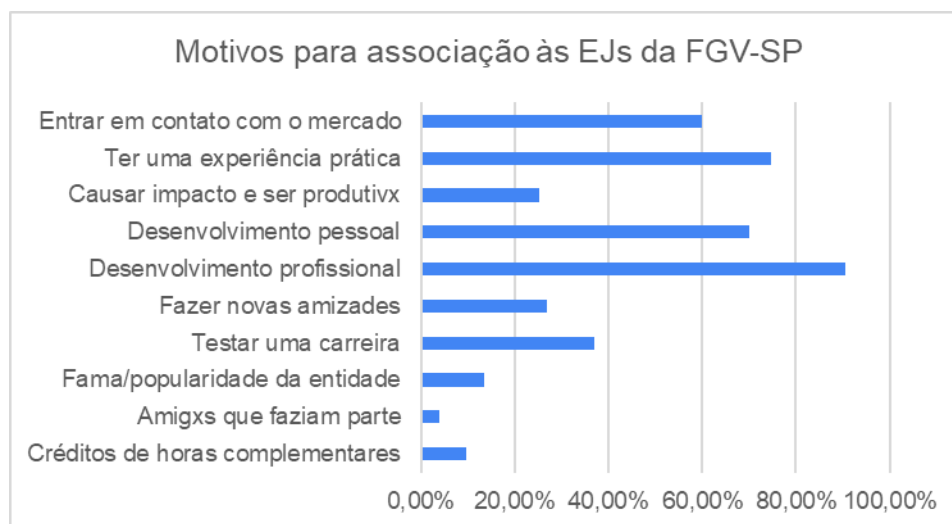


Gráfico 5: Motivos para associação às EJs da FGV-SP

Fonte: LIDEN, 2019. Elaboração Própria

Também vale destacar que 60% dos alunos que afirmaram fazer parte de alguma das EJs apresentam a intenção de entrar em contato com o mercado através de sua atuação. No mesmo sentido, a média do tempo dedicado semanalmente às entidades para os alunos deste grupo é alta: cerca de 13h, algo que representa, em média, 2,6h por dia. Apesar de ser bem menor do que a carga horária média de um estágio, por exemplo, este tempo de dedicação é bastante expressivo quando se considera a possibilidade de conciliar aulas integrais com a atuação na EJ. Por isso, pode-se concluir que as EJs são atividades importantes no cotidiano do quase um terço de alunos respondentes do censo da Liden que declararam compor ao menos uma das cinco entidades deste grupo.

4.2.2. Ligas Universitárias

Dentre as diversas organizações que surgiram em ambiente universitário com o passar do tempo, figuram outras bastante importantes além das Empresas Juniores. As ligas universitárias são um bom exemplo e vêm ganhando popularidade entre alunos de diferentes cursos e regiões do Brasil. Com temas clássicos e voltados a finanças, empreendedorismo e

desenvolvimento pessoal, essas Ligas prometem unir conhecimento teórico e atividades práticas, estando bastante inspiradas no modelo de clubes de empreendedorismo muito difundido nos Estados Unidos. Como apontado em (PITTAWAY, GAZZARD, *et al.*, 2015), ainda são muito precários os estudos sobre estes modelos, que tendem a exercer um papel fundamental na integração interdisciplinar e extracurricular de estudantes em vários locais do planeta. Mais uma vez, este exemplo poderá ressaltar o impacto da globalização na pulverização do associativismo estudantil; na medida em que ela avança, avança também a difusão de novos moldes de agrupamento entre universitários.

A FGV São Paulo apresenta seis ligas universitárias distintas. A primeira nasce em 2014 e carrega desde então a sigla LEFGV, que simboliza a Liga de Empreendedorismo dos alunos da instituição. Autodenominada como um *HUB* de inovação, a LEFGV conta com um processo de capacitação dos seus membros associados através do contato com grandes figuras da área; desde empresários de sucesso, até professores e outros adeptos do arcabouço empreendedor. Também afirma propiciar o desenvolvimento de negócios, contando com uma estrutura que deve viabilizar ideias inovadoras de seus membros.

A segunda liga universitária a surgir na instituição foi a FGV Finance, que nasceu em 2015 alinhada com uma tendência de popularização do modelo de ligas ao redor do globo. Tendo como principal objetivo dar destaque mercadológico para seus membros, isto é, capacitá-los para seguir carreira no mercado financeiro, a Finance chegou a vencer grandes e importantes prêmios em competições promovidas por empresas da área. A organização é mais um grande exemplo de como o capitalismo globalizado promove iniciativas estudantis voltadas para o desenvolvimento pessoal; a FGV Finance demonstra de forma contundente o potencial das ligas neste sentido. Com características semelhantes, nasce em 2020 a Liga de Marketing da FGV, com o intuito de desestigmatizar esta área e capacitar os membros através de consultorias e mentorias. Em comum, as ligas parecem aprofundar os alunos envolvidos em matérias típicas das graduações de Administração de Empresas e Economia.

Outro modelo de liga nasce na EAESP em 2016, através da criação da Liga de Gestão em Saúde. Tal entidade, assim como a Liga de Gestão Esportiva e a Agroliga FGV, ambas fundadas no ano seguinte, carregam como principal característica o estudo teórico de seus respectivos temas. Enquanto a primeira compreende existir grande potencial de crescimento no setor econômico da saúde e procura explorar diferentes abordagens relacionadas a ele, a LiGE visa transformar o mercado esportivo através de serviços de consultoria para profissionais da

área. A Agroliga, por sua vez, apresenta um escopo bastante amplo no que tange o tema do agronegócio: visa aproximar teoria e prática sobre o assunto através de palestras, mentorias, consultorias, entre outras atividades. Em comum, todas as três entidades citadas têm como foco a capacitação do membro em um tema não diretamente relacionado a sua área de graduação: parecem nascer para especializar os estudantes em áreas diferentes e específicas, que são de interesse puramente pessoal. São um modelo novo, apesar de próximo dos tradicionais grupos de estudo que reúnem indivíduos com interesses semelhantes.

Em suma, todas as ligas citadas parecem apontar para uma individualização das intenções dos estudantes ao se associar. Tendo características muito relevantes e de grande contribuição para o desenvolvimento pessoal do aluno, essas organizações simbolizam a transformação do ambiente universitário com o passar dos anos. Dos 458 alunos respondentes do Censo de Entidades 2019, 100 declararam fazer parte de alguma dessas seis ligas universitárias; seus principais interesses estão dispostos no gráfico a seguir:

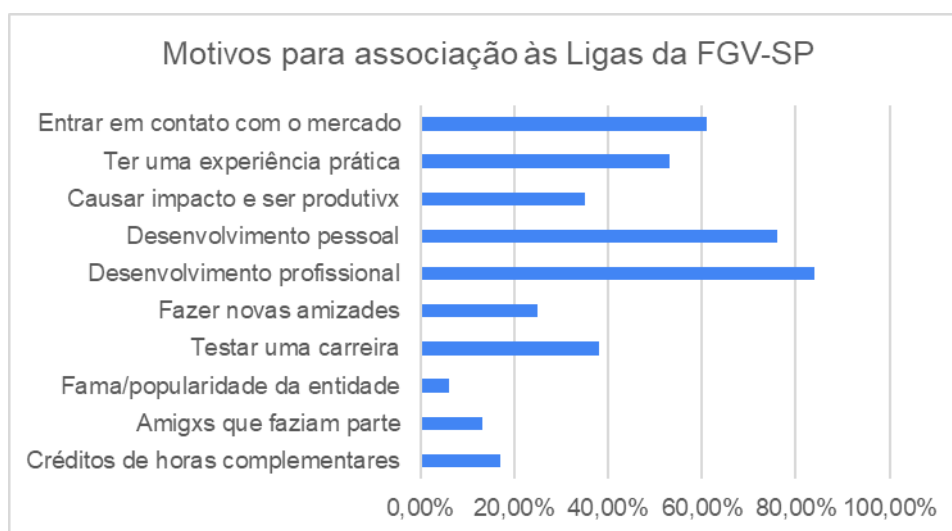


Gráfico 6: Motivos para associação às Ligas da FGV-SP

Fonte: LIDEN, 2019. Elaboração Própria

Os resultados extraídos do censo da Liden são bastante semelhantes aos observados para Empresas Juniores. O desenvolvimento profissional e pessoal permanece sendo o principal interesse dos estudantes que se associam a alguma dessas cinco ligas, assim como a intenção de entrar em contato com o mercado. A semelhança não é acidental e nem coincidência: apontam para uma transformação no comportamento estudantil que não é trivial.

Também vale destacar que o tempo médio de dedicação para os integrantes das Ligas é de 10,4h semanais, um pouco menor do que das EJs.

4.2.3. Cursinhos Populares

Entre as organizações que se tornaram mais frequentes ao redor do ambiente universitário brasileiro nos últimos anos estão os Cursinhos Populares. Apesar de sua história remontar à década de 50, quando alunos do Grêmio da Escola Politécnica da USP decidiram pela criação do primeiro cursinho universitário do país, a popularização deste modelo organizacional se deu mais próxima da virada do século; de maneira intensa, tais cursinhos ganharam força simbólica na pressão pela democratização do ensino superior brasileiro (DOS SANTOS *et al*, 2020). Funcionando em grande parte através da atuação voluntária dos estudantes universitários, essas organizações se tornam relevantes em diversas dimensões, sendo elas: (i) desenvolvimento de capacidades profissionais dos voluntários associados; (ii) proporção de experiência no magistério para possíveis futuros professores; (iii) aproximação de aspirantes a universitários dos próprios universitários; (iv) superação de desigualdades estruturais e democratização do ensino superior. O destaque e a frequência crescente dessas organizações chegaram a culminar em uma organização representativa do chamado “Movimento Universitário de Cursinhos”, a Brasil Cursinhos.

Atualmente, há correntes teóricas que começam, inclusive, a observar mais a fundo exclusivamente este fenômeno e a encará-lo como um novo movimento social. Fato é que essas entidades passaram a ocupar um espaço relevante no ambiente universitário, inclusive da FGV: em 2013, um grupo de alunos se organizou e fundou o Cursinho FGV (CFGV), que desde sua origem se propõe a democratizar o acesso à educação ao oferecer aulas para estudantes de baixa renda. Assim como diversos outros cursinhos, o CFGV conta com professores voluntários de diferentes áreas do conhecimento, além de uma área administrativa também composta por alunos da instituição de ensino. Se consolida, assim, como mais um canal possível de associação para o estudante, mas com caráter radicalmente distinto das alternativas anteriores. Tal distinção pode ser feita no gráfico de intenções dos estudantes:

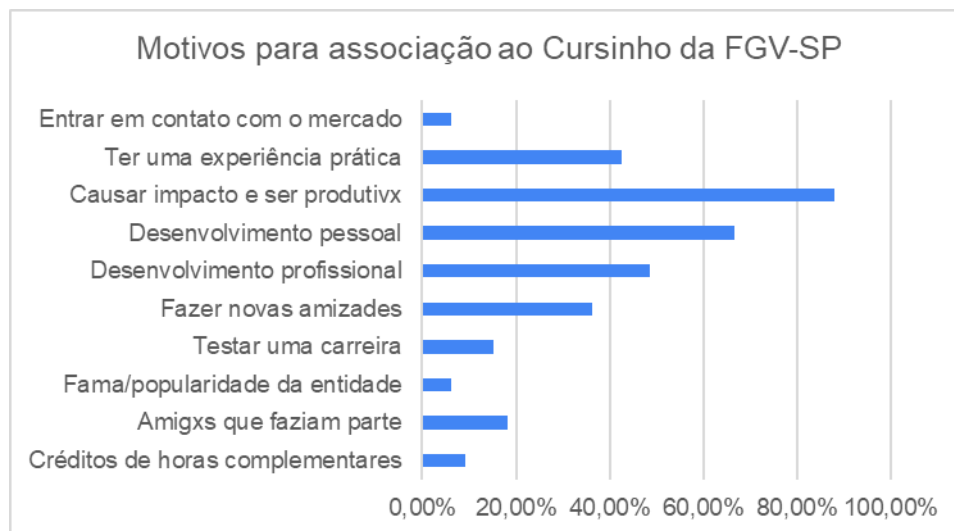


Gráfico 7: Motivos para associação ao Cursinho da FGV-SP
 Fonte: LIDEN, 2019. Elaboração Própria

Para o caso do cursinho, apesar de não existirem dados comparativos com um cenário mais amplo ou de perspectiva nacional, podemos ver que as intenções dos estudantes são bastante distintas das Ligas e EJs. Causar impacto e ser produtivx se apresenta como a razão mais citada no censo da Liden para compor essa entidade de caráter voluntário. Pela primeira vez, também, o desenvolvimento pessoal se mostrou mais citado do que o profissional para este grupo de alunos. O CFGV, portanto, parece representar um outro perfil do estudante da FGV. Para este perfil, o tempo médio de dedicação semanal também é alto e fica em torno de 11h.

4.2.4. Incubadoras Tecnológicas

As incubadoras são um modelo muito interessante de organização estudantil, que tem características peculiares e merecedoras de destaque. São, essencialmente, organizações que “apoiam o nascimento e buscam, por um período, nutrir alguma outra organização em perspectiva integral, ou seja, trabalhar os aspectos de gestão, estratégia, operação, e cultura de forma simultânea e coerente” (MACHADO, 2014, p. 4). Seu surgimento como atividade de extensão universitária está bastante associado à lógica da Economia Solidária, tendo com premissa a incubação de iniciativas populares. Nasce, neste sentido, a primeira Incubadora Tecnológica de Iniciativas Populares (ITCP), dentro da COPPE/UFRJ no ano de 1996. Diversos alunos passam, neste sentido, a compor essas incubadoras e participar do processo de

apoio a diferentes organizações; a Rede de ITCPs conta com mais de 40 instituições espalhadas pelo Brasil.

A ITCP-FGV, que já recebeu apoio de órgãos internos da IES e que procura promover uma mudança social estrutura de acordo com seus próprios princípios, apresenta estrutura totalmente horizontal e tem como essência ideias totalmente diferentes das EJs e Ligas. No geral, as intenções para associação à ITCP, extraídas do censo da Liden, estão expostas a seguir:

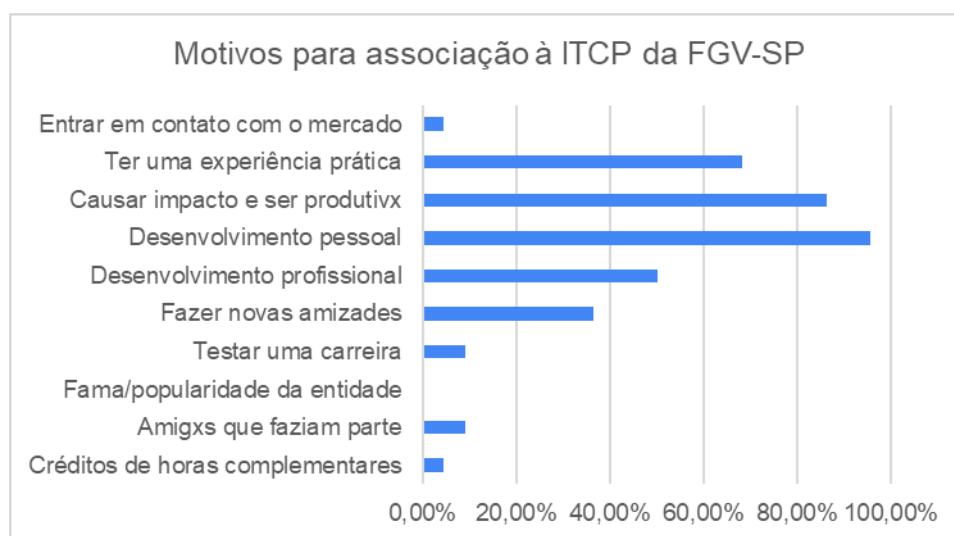


Gráfico 8: Motivos para associação à ITCP da FGV-SP

Fonte: LIDEN, 2019. Elaboração Própria

Desenvolver-se pessoalmente e causar impacto e ser produtivx são as principais intenções de quem se associa a esta organização. No geral, no caso da FGV, essa entidade nasce de uma mobilização dos estudantes, mas não parece ter sido motivado pelo Movimento Estudantil, como sugere (MACHADO, 2014). Nessas organizações, a carga média de dedicação semanal é de 6h.

4.2.5. Outras organizações

Nos grupos abordados até este momento, estão inclusas 12 das 21 entidades estudantis formais da FGV-SP. As que ficaram de fora da análise até aqui são: AIESEC, Conexão Social, Consulting Club, Estudos de Política em Pauta, FGV Tech, Gazeta Vargas e Speech, além do próprio DAGV e da Associação Atlética Acadêmica Getulio Vargas, que são mais próximas da vanguarda do Movimento Estudantil e serão observados na subseção a seguir. Antes disso,

contudo, vale entender características semelhantes e gerais dessas organizações que ficaram de fora da análise.

Não há exceções a fazer nas ponderações aqui propostas: todas as entidades supracitadas abordam de alguma forma, em sua missão e valores, o desenvolvimento pessoal de seus membros. Apesar de carregarem características bastante distintas, a razão de ser dessas entidades está no geral bastante conectada à atração de estudantes que querem se desenvolver. A AIESEC, por exemplo, é uma organização muito tradicional da FGV e que se faz presente em diversos locais do planeta; para além de promover intercâmbios voluntários, a instituição sobrevive da lógica de aprimoramento das habilidades dos estudantes, tanto para aqueles que realizam um intercâmbio de maneira associada, quanto para os que compõe o próprio corpo administrativo da instituição. No mesmo sentido, a Gazeta Vargas é bastante tradicional e costuma reunir estudantes interessados no desenvolvimento de habilidades da escrita e da produção de conteúdo jornalístico como um todo. Speech, dentre estes exemplos, é o mais evidente: tem como razão de existência o aprimoramento das chamadas *soft skills* de seus membros, em especial liderança e comunicação. A Conexão Social, por sua vez, se aproxima dos princípios das ITCPs, mas tem como razão de existência a formação de lideranças. O desenvolvimento pessoal, em muitos sentidos, parece tomar conta dos interesses dos estudantes da FGV que se associam a essas organizações.

Mais semelhantes às ligas específicas e de aprofundamento em temas externos à graduação, Estudos de Política em Pauta (EPEP) e FGV Tech também não deixam de fora o desenvolvimento pessoal dos seus membros; contudo, nestes casos, existe um tema específico que norteia estudos em grupo, que no geral passam pelo contato com pessoas das respectivas áreas. O mesmo ocorre com o Consulting Club, que quase como um grupo de estudos, visa capacitar os membros para a área de consultoria em específico. Dentre estes casos, o mais curioso e que talvez mereça atenção em um estudo futuro é o da EPEP: as raízes essencialmente políticas do Movimento Estudantil, que por vezes se mostrou conectado e se confundiu com a atuação partidária conforme exposto na seção teórica deste trabalho, acabou culminando em uma entidade especificamente voltada para política. As razões para isso, seja lá quais forem, poderiam resultar em um diagnóstico relevante sobre a realidade das entidades componentes da vanguarda do movimento social: aparelhamento? Viés? Distanciamento? São teses que não pertencem ao escopo deste trabalho, mas são bastante interessantes.

4.3. A DIVERSIDADE ASSOCIATIVA E O MOVIMENTO ESTUDANTIL

A presente seção tem o objetivo de relacionar os achados das seções anteriores com as entidades mais tradicionais e relacionadas ao Movimento Estudantil. Afinal, o movimento social é feito nas relações cotidianas dos estudantes e, portanto, dentro das instituições de ensino. Por isso, os centros e diretórios acadêmicos compunham, na proposta inicial deste trabalho, o principal objeto de análise: parece natural, ao investigar transformações do Movimento Estudantil, olhar para a realidade dessas tradicionais organizações. Elas têm o papel histórico de representar o corpo de estudantes e fortalecer o senso comunitário, articulando reivindicações e objetivos tanto com organizações maiores do movimento, como a UNE, quanto com as próprias IES em uma escala menor. Por isso, entender o que ocorre com centros e diretórios acadêmicos é entender, em boa parte, o que ocorre com o Movimento Estudantil; evidentemente, o nascimento de tantas organizações, na medida em que representa mudanças importantes no imaginário dos estudantes, também representa transformações para CAs e DAs pelo Brasil.

Por essas e por outras razões que o estudo de caso é tão útil e interessante para compreender as transformações históricas do Movimento Estudantil. Na FGV-SP, as organizações que compõe esse grupo mais tradicional são o Diretório Acadêmico Getulio Vargas, a Associação Atlética Acadêmica Getulio Vargas e o Centro Acadêmico Direito GV (CADGV), mas o CADGV não está incluso na lista das 21 entidades formais reconhecidas pela Liden. A AAAGV, no mesmo sentido, não tem um papel representativo e não pode ser tratada como igual a um centro ou diretório acadêmico; contudo, nasceu como um braço do DAGV e exerceu um papel importante enquanto parte dele, o que a coloca neste grupo. Vale destacar que a maior ênfase dada ao DAGV é decorrente de sua história, bastante próxima da UNE e de um movimento de escala nacional em determinados momentos da história. De maneira muito interessante, vale observar as intenções dos estudantes que declararam compor ao menos uma dessas três organizações:

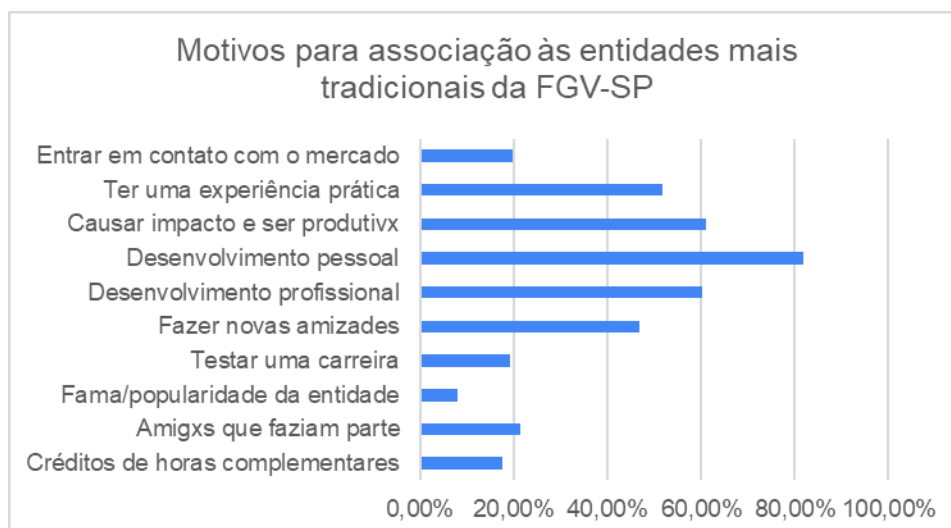


Gráfico 9: Motivos para associação às entidades mais tradicionais da FGV-SP
 Fonte: LIDEN, 2019. Elaboração Própria

Mesmo no caso dessas organizações, tradicionalmente voltadas para a coletividade e conectadas ao movimento social, o motivo citado por 80% dos alunos é o desenvolvimento pessoal. Algo importante de ser destacado é de que cerca de 60% dos estudantes ativos nessas entidades também declarou fazer parte de outras organizações estudantis. Em todo caso, a individualidade também é destaque mesmo dentro dessas instituições, que por essência, tratam de questões coletivas.

Uma associação bastante interessante feita pela ex-vice-presidente do DAGV, Giovanna Reggio, pode ser resgatada: enquanto organização, o diretório acadêmico carrega características republicanas e responsabilidades democráticas, discutindo transparência, eleições, representação; de forma figurada, se configura como um Estado nacional, sendo político em todos os seus sentidos. Esse caráter se contrapõe ao de todas as demais entidades, que não carregam responsabilidades ou princípios republicanos, ao menos não com relação à busca do bem comum de todo o alunato da FGV EAESP (informação verbal)¹. Por essa razão, sendo representativo de interesses do corpo estudantil da FGV, o DA é maleável, pois tem a representação como sua razão existencial e estatutária. Contudo, o principal ponto, que parece incomodar também outros entrevistados membros do Diretório, é a perda de interesse pela representação. Os estudantes, nas palavras de uma ex-presidente da instituição, foram perdendo a noção do potencial da entidade, que um dia serviu como sede e refúgio da UNE durante o

¹ Opinião obtida em depoimento escrito de Giovanna F. Reggio, coletado exclusivamente para este trabalho no mês de agosto de 2021.

período militar, mas hoje apresenta dificuldades para organizar mobilizações pequenas dentro do seu próprio corpo representativo.

A questão mais complexa, portanto, é compreender quando e por que o Movimento Estudantil saiu da pauta dos alunos de Economia, Administração Pública e de Empresas da FGV-EAESP. O paralelo metafórico traçado por Giovanna pode ser retomado e analisado: talvez a hiperespecialização das organizações estudantis esteja conectada a um sistema econômico que é cada vez mais exigente, competitivo e individualista, valorizando profissionais ultra capacitados desde a formatura no ensino superior. Talvez, inclusive, o enfraquecimento do poder representativo de organizações como o DAGV esteja conectado com a perda do sentimento republicano pela sociedade, que despende menos tempo pensando no bem comum e mais tempo no desenvolvimento pessoal e profissional. Sob essa ótica, a cidadania parece estar saindo da pauta e o mercado dominando os interesses dos estudantes, além de estar transformando, inclusive, os papéis das próprias organizações coletivas: segundo a mesma ex-presidente, as pautas que mais geram engajamento em torno da organização, na atualidade, são festas e preços de serviços. Em esfera ampla, isso se demonstra com o empobrecimento do debate político em escala nacional, aliado aos aspectos de crise dos movimentos sociais, já explorados na seção teórica deste trabalho. Em suma, portanto, parece adequado colocar o cenário da FGV em perspectiva e compreender que o foco na individualidade e competitividade, por parte dos alunos, é um traço que faz parte de uma realidade maior; este traço pode ser explicativo do distanciamento desses estudantes de um dos mais tradicionais e conhecidos movimentos sociais, não só do Brasil, mas de todo o mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, ao abordar uma leitura histórica do Movimento Estudantil e se debruçar sobre um estudo de caso na FGV-SP, foi capaz de constatar que existe um interesse dominante pelo desenvolvimento individual entre os estudantes na atualidade. Até mesmo dentro de organizações tipicamente relacionadas ao movimento social, um processo de profissionalização e busca por inserção no mercado de trabalho parece estar sendo antecipado e buscado durante a realidade universitária. Os dados extraídos do censo da Liden apontam para este cenário e reforçam essa tese, além de apontarem para uma hiperespecialização organizacional refletida na quantidade de entidades estudantis existentes.

Evidentemente, os resultados encontrados poderiam ter sido diferentes caso o estudo de caso tivesse sido conduzido em outra universidade; a FGV-SP não representa todo o Movimento Estudantil e tampouco pode garantir uma generalização precisa para todo o contexto nacional. Contudo, este trabalho não se propõe a esgotar as discussões sobre o assunto, mas contribuir para a compreensão das novas formas organizacionais originadas dentro das universidades brasileiras. No geral, mesmo com as limitações apontadas, parece ter sido possível compreender que os estudantes estão demasiadamente focados em atividades que visam o desenvolvimento individual, algo que joga para segundo plano o exercício da cidadania via movimento social e se apresenta como um importante desafio para o Movimento Estudantil; essa constatação responde, em partes, à pergunta de pesquisa, colocando em perspectiva parte importante da teoria de mercantilização das relações sociais.

O título do trabalho utiliza o termo “desmembramentos” para se referir às inúmeras entidades disponíveis para associação dos estudantes. Parece importante compreender que, nesse caso, não se utiliza tal palavra para tratar as organizações como se tivessem sido originadas e posteriormente separadas de um movimento social, mas para se referir justamente à definição formal da mesma: “divisão, em várias partes, daquilo que formava uma unidade” (DESMEMBRAMENTO, 2021). Como unidade, este trabalho trata o coletivo de estudantes, que atualmente compõe uma enormidade de interesses diversos e distintos, mas majoritariamente pessoais. É o que reflete a diversidade associativa da FGV-SP e o que é sentido a partir dos achados deste estudo.

6. REFERÊNCIAS

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS JUNIORES. **Censo EJ & Identidade**. Brasília. 2014.

DAVIS, G. F. et al. Introduction: Social Movements in Organizations and Markets. **Administrative Science Quarterly**, Setembro 2008. 389-394.

DEFFACCI, F. A.; OLIVEIRA, D. M. A Questão da Identidade no Século XX: Apontamentos Teóricos. **Impulso**, Piracicaba, p. 77-85, Maio 2015. ISSN 2236-9767.

DESMEMBRAMENTO. In: Oxford Languages. Oxford University Press, 2021.

DOS SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso et al. Integrar: desafios e perspectivas de um cursinho popular universitário. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, p. 90-115, 2020.

FGV CPDOC. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. **CPDOC**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra/UNE>>. Acesso em: dez. 2020.

GOHN, M. D. G. Pluralidade de representação na América Latina. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 73-90, abril 2014.

GOHN, M. D. G. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOMES, Â. D. C. **A Invenção do Trabalhismo**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

LÜCHMANN, L. H. H. Associações, Participação e Representação: Combinações e Tensões. **Lua Nova**, São Paulo, n. 84, p. 141-174, 2011.

MACHADO, L. F. O Movimento de ITCPs e sua difusão no Brasil. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da FGV**, São Paulo, 2014.

MATHEUS, T. C. O Discurso Adolescente Numa Sociedade na Virada do Século. **Psicologia USP**, São Paulo, 14, 2003. 85-94.

MESQUITA, M. R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 117-149, out. 2003. ISSN 2182-7435.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 134-150, maio 1997.

OLIVEIRA, W. J. F. D. Posição de Classe, Redes Sociais e Carreiras Militantes no Estudo dos Movimentos Sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 49-77, jan. 2010.

PITTAWAY, L. A. et al. Student clubs: experiences in entrepreneurial learning. **Entrepreneurship & Regional Development**, 24 fev. 2015. 127-153.

SOUSA, D. S. D. O que é um movimento social? Reflexões a partir da sociologia e sua articulação com a geografia. **Movimentos Sociais & Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 7, n. 2, p. 186-196, 2018. ISSN 2238-8052.

SQUARIZ, G. C. D. O.; AMANTE, C. J. O Perfil das Empresas Juniores na Universidade Federal de Santa Catarina. **Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento**, Mar del Plata, novembro 2017.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, p. 73-94, jan. 2000.

TADA, C. Universidades públicas brasileiras dizem NÃO ao Future-se. **UNE**, 2019. Disponível em: <<https://www.une.org.br/noticias/universidades-publicas-brasileiras-dizem-nao-ao-future-se/>>. Acesso em: dez. 2020.

TRINDADE, H. A Legalidade e o Movimento Estudantil Brasileiro. **Anos 90**, Porto Alegre, 18, jul. 2011. 129-164.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. História do Movimento Estudantil. **UNE**. Disponível em: <<https://www.une.org.br/memoria/historia/>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

7. ANEXOS

ANEXO A - Questionário para coleta de depoimento de membros e ex-membros do DAGV

1. Ao compor a gestão do DAGV, você se sentiu parte de um movimento social? O Movimento Estudantil se fez presente na sua trajetória?

2. Você acredita que o papel desempenhado pelo DAGV hoje é menos importante do que foi no passado?

3. Na sua visão, a quantidade de entidades apresentadas aos estudantes é um fator que enfraquece o Diretório Acadêmico ou o Movimento Estudantil como um todo?

4. Como imagina que o alunato se sinta com relação ao movimento estudantil? Consegue enxergar um corpo coletivo coeso?